

# Symposion and Philanthropia in Plutarch

José Ribeiro Ferreira, Delfim Leão  
Manuel Troster e Paula Barata Dias  
(eds.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

# EROS EM PLUTARCO E A APOLOGIA DO AMOR CONJUGAL

MARIA LEONOR SANTA BÁRBARA  
Universidade Nova de Lisboa

## Abstract

Eros is a god who had several representations. Also his power on men and gods has been referred to by several Greek authors. Plutarch was no exception and describes him as a god with more power than any other. Gods like Hades, Aphrodite or Ares are nothing when compared with the god of love.

In *Amatorius*, Plutarch presents us another aspect concerning love, which is not usual in Classical Antiquity: the apology of conjugal love. The feeling inspired by Eros is not exclusive of the man and heterosexual love is also inspired by this god. Plutarch praises women's virtues, particularly their capacities of fidelity, tenderness and devotion. He also refers himself to the relationship between husband and wife, as the "integral union", that relationship where, initially love corresponds to some effervescence, which, in time, calms down, giving place to a great stability.

These aspects – the way how Plutarch sees Eros and his conception of conjugal love – are those we intend to approach in this paper.

## 1. Antiguidade de Eros

Eros é uma divindade bastante antiga, como é comprovado pelo seu culto, que teve como centros mais importantes Téspias, Leuctros, Paros, Atenas, Esparta, Élide, Creta e Samos. Comprovado por autores como Plutarco e Pausânias, entre outros, o seu culto recua a épocas antiquíssimas, nalguns casos desconhecidas<sup>1</sup>. Do mesmo modo, as referências que lhe são feitas na literatura confirmam a sua antiguidade. Se Homero o omite, atribuindo a Afrodite as funções que posteriormente veremos dadas a este deus, já o mesmo não se pode dizer de Hesíodo, que a ele alude na *Teogonia*: "Antes de tudo existiu o Caos; em seguida a Terra de largo peito, assento sempre seguro de todos os imortais, que possuem o cimo do nevado Olimpo e o Tártaro sombrio, no fundo da terra de muitos caminhos; e Eros, o mais belo dos deuses imortais, aquele que enfraquece os membros, aquele que, no peito de todos os deuses e de todos os homens, domina o espírito e a vontade sábia"<sup>2</sup>. Diversos poetas lhe fazem referência ao longo do tempo, quer para estabelecer a sua genealogia, quer para se referirem às suas funções, ou ao sofrimento que é capaz de provocar nos outros. Nos líricos, por exemplo, aparece como divindade primordial, tal como

---

<sup>1</sup> Nos casos de Téspias, Leuctros ou Paros parece evidente pelos testemunhos que este culto recua a épocas remotas. Pausânias chega a referir que o seu culto em Paros – que não é inferior ao de Téspias – parece ser um culto pré-jónico, hipótese que não está completamente demonstrada, visto que se baseia nalgumas moedas da cidade da época de Adriano. Estas pretendiam reproduzir o famoso Eros de Praxíteles, apresentando um *herma* no qual o deus apoiava a perna direita, mas que não se encontra na estátua. No entanto, é possível que este *herma* seja um vestígio de um culto local arcaico, proveniente de uma época em que o deus fosse representado desta forma, ou como divindade ctónica.

<sup>2</sup> Hesíodo, *Teogonia*, vv. 116-122.

nos poetas trágicos<sup>3</sup>. No entanto, Eros começa a surgir também associado ao amor e a Afrodite.

Embora tradicionalmente seja considerado filho de Afrodite, nem sempre assim foi referido pelos poetas: para Alceu (fr. 327 Loeb) ele é filho de Íris e de Zéfiro<sup>4</sup>; Safo (cf. *Schol.* Teócrito 13.1-2) refere-o como filho da Terra e de Úrano; Simónides (*Poetae Melici Graeci*, fr. 70) faz dele filho de Ares e de Afrodite; Acusilau (cf. *Schol.* Teócrito 13.2) diz que é filho da Noite e de Éter; Eurípidés (*Hipólito*, vv. 530-534) apresenta-o como filho de Zeus; Sócrates, baseando-se na narrativa de Diotima de Mantineia (Platão, *Banquete*, 203 cd), afirma tratar-se de uma divindade intermédia, filho de Pénia e Poros; em Apolónio de Rodes (*Argonautas*, III. 26) o deus é filho de Afrodite, embora não lhe seja dado um pai. Aliás, saliente-se que esta filiação, relativamente a Afrodite, se verifica principalmente a partir do século III a.C., embora já antes o deus surja ao serviço da deusa<sup>5</sup>.

## 2. Representações de Eros

Eros teve, ao longo do tempo, múltiplas representações, que já apresentámos noutra local<sup>6</sup>. Divindade do amor, é qualificado como ladrão e comparado com animais como a abelha, que embora pequena provoca feridas lancinantes. A *Antologia Palatina*, sobretudo nos livros V e XII, dedicados aos epigramas amorosos, está cheia destas referências: Mosco refere-se-lhe como escravo fugitivo de Afrodite<sup>7</sup>, enquanto Diófanes de Mirina<sup>8</sup> o acusa de ser um triplo ladrão, insolente, um indivíduo que não dorme e está sempre pronto a despojar os outros. Associada a estas representações temos a descrição que Mosco faz dele, comparando-o com uma abelha<sup>9</sup>. No entanto,

---

<sup>3</sup> Cf. Ésquilo, *Danaiides*, fr. 44 Nauck. Aqui o deus origina a união do Céu e da Terra. Esta, fecundada pela chuva, produz para os homens cereais e, para os rebanhos, erva. Ver também Sófocles, *Antígona*, vv. 781-800, onde Eros é um poder abstracto que governa todos os seres vivos sobre a terra, embora aqui seja também confundido com o instinto sexual, encarnado por Afrodite. De modo idêntico, na cosmogonia órfica, Eros terá nascido do ovo primordial, engendrado pela Noite. As duas metades deste ovo formam a Terra e o Céu.

<sup>4</sup> Referido por Plutarco, *Erótico* 765 e.

<sup>5</sup> Como é visível na taça do pintor Leandro, c. 460 a.C.

<sup>6</sup> Primeiro, na dissertação de mestrado, intitulada *Eros na Antologia Grega*, apresentada à Faculdade de Letras de Universidade de Lisboa em 1987; posteriormente na comunicação intitulada “Grandeza e pequenez nas representações de Eros na literatura e na arte”, apresentada no IV Congresso da APEC, realizado na Universidade do Algarve, em 2004.

<sup>7</sup> Cf. *AP* IX. 440. Do mesmo modo, Sátiro (*APL* 195), Mécio (*APL* 198) e Crinágoras (*APL* 199) aludem ao deus como ladrão de corações e prisioneiro. *Anthologie Grecque* (texte établi et traduit par P. Waltz), Paris, 1931-1974 (13 vols.).

<sup>8</sup> Cf. *AP* V. 309. Cf. *AP* IX. 616, onde o deus é descrito como um ladrão, que rouba as roupas das Cárites enquanto estas se banham.

<sup>9</sup> Cf. Mosco, XIX: “Certa vez, estando Eros, armado em ladrão, a roubar cera dos cortiços, uma abelha furiosa picou-lhe a ponta do dedo, arranhando-o. Porque estava aflito, soprou a mão, feriu a terra com golpes, saltou e, mostrando a Afrodite a sua dor, queixou-se-lhe que a abelha era um animal pequeno, mas que fazia feridas pungentes. Então a mãe riu-se: «O quê? Não és tu igual às abelhas? Pequeno como és, provocas feridas lancinantes.»”

também o podemos encontrar a auxiliar os outros, como pastor, lavrador e jardineiro<sup>10</sup>, ou associado à natureza<sup>11</sup>.

Foi, ainda, representado sob formas diversas: apesar de o identificarmos com uma criança travessa e alada, esta figuração só surge no séc. III a.C. Antes disso, ele é um jovem que acompanha o cortejo de Afrodite e é como jovem que está no friso do Pártenon.

### 3. Poder de Eros

Tal como sucede com a sua genealogia e as representações, também o poder que esta divindade exerce sobre homens e deuses é referido em inúmeros autores. A passagem de Hesíodo acima referida testemunha esta ideia: afinal, o poeta já alude ao deus como uma entidade que domina os outros, embora aqui o seu poder seja gerador. Muitos poetas o farão também, designadamente os autores dos epigramas apresentados na secção anterior.

Plutarco não foi excepção, descrevendo-o como uma divindade com um poder superior ao de qualquer outra. Hades, Afrodite ou Ares nada são ao pé do deus do amor. Sem o auxílio de Eros, Afrodite é incapaz de inspirar um sentimento profundo, mas somente uma relação carnal. É Eros que faz surgir a afeição. Diz Plutarco<sup>12</sup> que, sem Eros, o trabalho de Afrodite é algo que se vende por uma dracma. Daí que ninguém corra qualquer risco por ele, se não estiver apaixonado (μη ἔρῳν). Afrodite é o prazer físico, enquanto Eros é o amor e o desejo, ideia reforçada pela seguinte afirmação: “Por isso, o prazer de Afrodite é frágil e inconstante, se não for inspirado por Eros.”<sup>13</sup>

Além disso, embora haja homens capazes de partilhar com outros as suas amantes e, até, as suas mulheres<sup>14</sup>, nenhum amante (ἔραστής) faria o mesmo com o seu amado (ἔρόμενος), nem que fosse em troca das honras de Zeus.

Hades, por seu turno, cedeu ao impulso de Eros, como se vê pelo exemplo de Orfeu<sup>15</sup>. Quanto a Ares, o que pode o seu valor guerreiro perante a força do

<sup>10</sup> Cf., respectivamente, *AP* VII. 703, de Mirino, *APL* 200, de Mosco, e *APL* 202.

<sup>11</sup> A este respeito refira-se a relação de Eros com os jardins, dormindo junto das rosas (*APL* 338, de Juliano), ou à sombra dos plátanos (*AP* IX. 627, de Mariano o Escoliasta); ou a sua relação com os animais (em *AP* IX. 221, Marco Argentário descreve-o conduzindo um leão pela mão, enquanto Páladas – *APL* 207 – no-lo apresenta com um golfinho numa das mãos).

<sup>12</sup> Cf. Plutarco, *Erótico* 759 e.

<sup>13</sup> Plutarco, *Erótico* 759 f: οὕτως ἀσθενής καὶ ἀψίκωρός ἐστιν ἡ τῆς Ἀφροδίτης χάρις ἣ ἔρωσ μη ἐπιπνεύσαντος. Plutarque, *Œuvres Morales*. X : *Dialogue sur l'Amour* (texte établi et traduit par R. Flacelière), Paris, 1980.

<sup>14</sup> Cf. Plutarco, *Erótico* 759 f-760 b, onde encontramos as histórias de Gaba e de Faúlo. O primeiro fingia dormir para que Mecenas pudesse desfrutar da sua mulher, enquanto o segundo vestiu a mulher de homem para que ela se pudesse encontrar com Filipe V, sem que o seu inimigo Nicóstrato se apercebesse do facto. Ambos pretendiam com isso obter algum benefício.

<sup>15</sup> Cf. Plutarco, *Erótico* 761 e-f, que nos apresenta, para além desta conhecido história, alguns exemplos bem conhecidos na literatura grega: Alceste, mulher cujo amor pelo marido foi suficiente para que Hades permitisse que Hércules a levasse de volta a Admeto; Protesilau, recém-casado com Laodamia quando partiu para Tróia, morto por Heitor ao desembarcar. Hades autorizou-o a regressar do seu reino para se despedir da mulher, a quem ele dá o conselho de se suicidar para se juntar a ele (a este respeito, veja-se Luciano, *Diálogo dos Mortos*, 23).

Amor? Isto mesmo é comprovado pelo exemplo de Cleómaco, que auxiliou os habitantes de Cálcis na sua luta contra os de Erétria<sup>16</sup>. O seu valor guerreiro em combate foi tanto maior, quanto sabia que o seu jovem amado estava a assistir ao combate, lutando com ardor e assim desbaratando o inimigo. A sua história apresenta Eros como incentivo do espírito guerreiro entre indivíduos que se amam. 761 b é uma alusão explícita a Tebas e ao seu contingente especial, constituído por erastas e erómenos, que assim se incentivavam mutuamente ao combate.

#### 4. Eros e o amor conjugal

Plutarco apresenta-nos, no *Erótico*, um outro aspecto relativo ao amor, pouco comum na Antiguidade: a apologia do amor conjugal. Convém, contudo, não esquecer que esta apologia é feita num contexto em que se discute qual o verdadeiro amor, no sentido de superior, melhor, mais puro: o dos jovens ou o conjugal? Frequentemente é o amor pelos jovens – associado a Eros – que é considerado superior, enquanto a relação com uma mulher é considerada simplesmente física, desprovida de um verdadeiro sentimento de afecto e amizade e, como tal, associada a Afrodite. O objectivo de Plutarco é demonstrar que o sentimento inspirado por Eros não se limita ao sexo masculino, sendo o amor heterossexual inspirado também por este deus. Para isso, ele demonstra a antiguidade e a importância do deus, chamando a atenção para todos os seus benefícios, entre os quais o afecto sincero é um dos mais importantes.

Simultaneamente, como que “reabilita” a mulher e as relações heterossexuais: em 753 f-754 a, defende que, se algumas mulheres se aproveitaram de certos homens, isso deveu-se mais à fraqueza deles do que a defeito delas. As relações de homens pobres e apagados com mulheres ricas provam precisamente o contrário – eles conservaram a sua dignidade e foram respeitados por elas, exercendo sobre elas uma autoridade misturada com afecto, afirmação que se aproxima da célebre Epístola de S. Paulo aos Coríntios.

Recordando Platão<sup>17</sup>, Plutarco afirma que Eros preside ao ἐνθουσιασμός (impulso vindo do exterior por acção de um poder superior, que altera a compreensão e a razão humanas e que é produzido pelo facto de entrarmos em comunicação, ou em participação, com um deus). Há vários tipos de ἐνθουσιασμός (profético, báquico, poético e musical), mas nenhum tão forte, tão duradouro, como o do Amor<sup>18</sup>.

Eros é uma divindade que proporciona grandes benefícios aos homens, tanto aos amados, como aos que amam. A estes, concede o Amor coragem, alegria, generosidade, liberalidade<sup>19</sup>. Concede também a capacidade de ver para lá da aparência: aquele que ama vê no objecto do seu amor qualidades de que os outros não se apercebem.

<sup>16</sup> Cf. Plutarco, *Erótico* 760 e-761 a.

<sup>17</sup> Cf. Plutarco, *Erótico* 758 d-e.

<sup>18</sup> Cf. Plutarco, *Erótico* 758 e-759 b.

<sup>19</sup> Cf. Plutarco, *Erótico* 762 b ss..

Além disso, o seu poder é tal que se sobrepõe a todos, gerando uma união que tende para o divino e para o que há no mundo de mais belo<sup>20</sup>.

Recuperando lendas egípcias que, a par do Amor vulgar e do celeste, ainda admitem a existência de um terceiro Amor – o sol<sup>21</sup> –, Plutarco realça a importância do deus por comparação com Afrodite: o sol é um calor doce e fecundante que alimenta os corpos, dando-lhes luz e crescimento. Tal como o sol, ao surgir por detrás das nuvens, é mais ardente, também a reconciliação dos apaixonados, após uma discussão, é mais viva e agradável.

Mas isto não é suficiente. Plutarco retoma a doutrina dos átomos, de Demócrito e de Epicuro: se pequenos corpos, formados à imagem do objecto amado, saem dele, penetram no corpo do amante e estimulam a massa dos seus átomos, pondo-os em movimento e produzindo esperma, não será possível que estes mesmos pequenos corpos possam emanar da mulher<sup>22</sup>? Além disso, não possuirão as mulheres virtude (ἀρετή)<sup>23</sup>?

Plutarco exalta a virtude das mulheres, especialmente as suas capacidades de fidelidade, ternura e dedicação. São estes sentimentos mútuos que são necessários no casamento<sup>24</sup> e que preservam a relação e a fidelidade dos esposos, a lealdade. Cama e Empona são excelentes exemplos desta fidelidade<sup>25</sup>: a primeira envenenou o assassino do marido e suicidou-se no mesmo momento, na esperança de se reencontrar com o marido; a segunda foi capaz de preservar uma imagem de viúva, enquanto mantinha secretamente a relação com o marido, que todos julgavam morto. Chegou mesmo a levá-lo, disfarçado, para Roma, na esperança de obter para ele o perdão do imperador, acabando por ser mandada matar por este.

A relação física com uma mulher é fonte de amizade, de partilha em comum<sup>26</sup>. Se a duração do prazer é curta, já o sentimento que se desenvolve a partir daí é duradouro – afecto, amizade, confiança. São estes sentimentos que fazem com que a relação entre cônjuges seja “a união integral”, aquela relação em que o amor gera inicialmente efervescência, que com o tempo se acalma, dando lugar a grande estabilidade. Com efeito, é a solidez desta relação que permite a afirmação de Plutarco: “Pois no casamento, amar é um bem maior do que ser amado.”<sup>27</sup>

## BIBLIOGRAFIA CITADA

BUFFIÈRE, F., *Eros Adolescent. La pédérastie dans la Grèce antique*, Paris, 1980.

<sup>20</sup> Cf. Plutarco, *Erótico* 763 f.

<sup>21</sup> Cf. Plutarco, *Erótico* 764 b ss..

<sup>22</sup> Cf. Plutarco, *Erótico* 766 e.

<sup>23</sup> Cf. Plutarco, *Erótico* 767 b.

<sup>24</sup> Cf. Plutarco, *Erótico* 767 e.

<sup>25</sup> Cf. Plutarco, *Erótico*, 768 b-d e 770 d-771c, respectivamente.

<sup>26</sup> Cf. Plutarco, *Erótico* 769.

<sup>27</sup> Plutarco, *Erótico* 769 d: τὸ γὰρ ἐρᾶν ἐν γάμῳ τοῦ ἐρᾶσθαι μείζον ἀγαθόν ἐστιν.

FLACELIÈRE, R., “Les Épicuriens et l’amour”, *REG*, 67 (1954) 69-81.

\_\_\_\_\_ *L’Amour en Grèce*, Paris, 1971.

SANTA BÁRBARA, M.<sup>a</sup> L., *Eros na Antologia Grega*. Dissertação de mestrado em Literatura Grega apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, 1987.

THORNTON, B. S., *Eros. The myth of ancient Greek sexuality*, Boulder/Oxford, 1997.